

## A METÁFORA VIVA DE PAUL RICOEUR

A passagem icônica, o discurso especulativo, a filosofia: supremacia da epífora

Hermide Menquini Braga

Mestra e Doutora em Ciências da Religião - PUCSP

bragamem@uol.com.br

**RESUMO:** Ricoeur parte da Poética de Aristóteles que considera a metáfora composta por diáfora e epífora. Nessa conceituação percebe-se a epífora<sup>1</sup> como a alma da metáfora. O material da epífora liga-se ao potencial criativo do poema e depende da intuição, responsável pela percepção do ícone. Por outro lado, aquilo que contemporaneamente se sabe do imaginário vem de Gaston Bachelar<sup>2</sup> (assunção de Paul Ricoeur). A fenomenologia do imaginário, de certa forma admite uma origem psíquica para a linguagem poética.. Paul Ricoeur levanta, então, meta que ele considera a solução da questão; investigar a possibilidade de a denotação não ser apenas a forma de expressão dos enunciados científicos. A referência invertida produz denotação metafórica, não conotação, pode-se dizer uma forma estável, racional, harmonizada com a postura contemporânea das ciências, da filosofia da linguagem, que reconhece na expressividade do símbolo o potencial, independente da emoção.

**Palavras-chave:** Paul Ricoeur; Aristóteles; ícone; referência invertida

**Abstract:** Ricoeur has left of the Poetical one of Aristotle who considers the composed metaphor for diáfora and epífora. In this conceptualization it is perceived epífora as the soul of the metaphor. The material of the epífora one leagues the creative potential to it of the poem and depends on the intuition, responsible for the perception of the icon. On the other hand, what contemporarily if it knows of the imaginary one comes of Gaston Bachelar (installation of Paul Ricoeur). The theoretical phenomenon study of the imaginary one, of certain form admits a psychic origin for the poetical language. Paul Ricoeur raises, then, goal that it considers the solution of the question; to investigate the possibility of the denotation not to be only the form of expression of the scientific statements. The inverted reference produces *metaphafor denotation*, not connotation, can be said a steady, rational form, harmonized with the position contemporary of sciences, of the philosophy of the language, that recognizes in the expressionism of the symbol the potential, independent of the emotion.

**Keywords:** Paul Ricoeur; Aristotle; icon; inverted reference

---

<sup>1</sup> O material da epífora liga-se ao potencial criativo do poema e depende da intuição, responsável pela percepção do ícone. A explosão criativa, produto claramente atribuído ao imaginário realiza o objetivo da metáfora, mostra sua essência por meio desta .

<sup>2</sup> Gaston BACHELAR. *La poetique de l' espace*. Paris: PUF,1957; *A poética do espaço* .Tradução de Antonio Costa Leal e Lídia Santos Leal . São Paulo, Abril Cultural, 1974, in Paul Ricoeur *A metáfora viva*,p.328.

O estudo de Paul Ricoeur em *A Metáfora Viva* aponta para a palpitante aproximação de dois termos que pretendem essa aproximação por meio de um arranjo feito a partir da quebra da lógica.

Ricoeur parte da Poética de Aristóteles que considera a metáfora composta por diáfora e epífora. Nessa conceituação percebe-se a epífora<sup>3</sup> como a alma da metáfora, porque ela encerra a mudança de significado resultante da aproximação de expressões em qualquer semelhança inicial, para, a partir da aproximação, inédita, conseguir exprimir um resultado originalmente revelador. Essa mudança de sentido original encerra a potencialidade da metáfora.

### 1 – Metáfora Viva

A argúcia da crítica ricoeuriana ganha adeptos a partir do título. Metáfora e vida são a mesma palavra, pois as duas compreendem extensões, alimentadas por autonomia. Em discurso direto e em linguagem própria, o material da epífora liga-se ao potencial criativo do poema e depende da intuição, responsável pela percepção do ícone. A explosão criativa, produto claramente atribuído ao imaginário realiza o objetivo da metáfora, mostra sua essência por meio da epífora. Por outro lado, aquilo que contemporaneamente se sabe do imaginário vem de Gaston Bachelar<sup>4</sup> (assunção de Paul Ricoeur). A fenomenologia do imaginário, de certa forma admite uma origem psíquica para a linguagem poética. Nada impede esta hipótese. Se a espécie humana se distingue pela linguagem, se a linguagem permite o ícone<sup>5</sup>, reflete-o na imagem, reflete-se igualmente neste Ser que a opera.

O lado alternativo à Linguística para explicar a poética e explicar o homem é a psicologia, que também explica o imaginário. Um dos seus produtos, para Ricoeur é o *verbo poético*<sup>6</sup>, a palavra e todas as circunstâncias simbólicas de seleção e de combinação, consubstanciadas pelo elã humano. Ela, sob ação de seu artista não apenas sonha, como quer Bachelar, ,mas também voa, como os pássaros.

Em tudo a característica da epífora revela sua gênese, o movimento. É a concepção de Aristóteles na fundamentação da metáfora como ligada à oração, à pergunta submetida à análise da palavra. Assim, a metáfora passou ser analisada com enfoque no discurso em Roman Jakobson.

<sup>3</sup> O material da epífora liga-se ao potencial criativo do poema e depende da intuição, responsável pela percepção do ícone. A explosão criativa, produto claramente atribuído ao imaginário realiza o objetivo da metáfora, mostra sua essência por meio desta .

<sup>4</sup> Gaston BACHELAR. *La poetique de l' espace*. Paris: PUF,1957; *A poética do espaço* .Tradução de Antonio Costa Leal e Lídia Santos Leal . São Paulo, Abril Cultural, 1974, in Paul Ricoeur *A metáfora viva*,p.328.

<sup>5</sup> A quarta modalidade de metáfora em *Poética* orienta pelo sentido de proporção analogicamente é o fundamento do ícone, para Paul Henle, analisaremos essa proposição contestada na tese ricoeuriana de adoção à semelhança, que vem a consistir na dupla realidade da relação semântica : a predicativa e a icônica .

<sup>6</sup> Paul RICOEUR .*A metáfora viva*,p. 329

Contudo, a epífora em Aristóteles baseia-se na transposição, que segundo a definição do filósofo envolve *informação e perplexidade*<sup>7</sup>, mudança, pois, em toda a extensão dos significados. Para examinarmos a visão de epífora de Paul Ricoeur, essas noções de perplexidade e mudança precisam ser tomadas como generalização, e mais ainda, como informação. Ela não informa apenas, mas instiga a imaginação, sediada pela diáfora<sup>8</sup>.

Textualmente Ricoeur apresenta a epífora como misteriosa, cujo mistério deva estar *na natureza icônica da passagem intuitiva*<sup>9</sup>; é o momento que ele acolhe e desvia a fenomenologia de Gaston Bachelard. Acolhe quando reconhece a *poética psicológica*<sup>10</sup>, e desvia quando assegura que a semântica do verbo poético administra tal psicologia.

## 2 – A meta

Paul Ricoeur levanta, então, meta que ele considera a solução da questão; investigar a possibilidade de a denotação não ser apenas a forma de expressão dos enunciados científicos. Dessa forma, a apercepção da metáfora viria da suspensão da denotação (referência) primeira, do sentido próprio para instalar uma nova, em sentido elaborado no discurso, nas obras literárias<sup>11</sup>.

A função poética de Jakobson não dá conta do jogo feito pela metáfora. É uma afirmação de Northrop Frye acerca do aspecto hipotético da metáfora: um hipotético imaginativo. Ele sugere um cruzamento de imagens, que entre si, nessa atividade criam o *mood*<sup>12</sup> - o estado de alma que o poema quer transmitir.

É quando, para prosseguir seu raciocínio Ricoeur afasta-se da visão icônica de Paul Henle<sup>13</sup> e volta a se valer da noção do *ícone verbal* de Wimsat<sup>14</sup>. Som, sentido fundem-se, produzem efeito

<sup>7</sup> Paul RICOEUR *A metáfora viva*, p. 30.

<sup>8</sup> A parte da metáfora que sustenta a origem da instigante transposição levada a efeito pela epífora, enquanto mudança.

<sup>9</sup> Paul RICOEUR, *A metáfora viva*, p.328.

<sup>10</sup> *Ibid*, p.328.

<sup>11</sup> As funções da linguagem, noção de Roman Jakobson, entre outras apresentam dois pólos: a função referencial e a função poética \_ a poética anula a referencial, com o poema em si não é possível essa generalização, pois um poema que narre obedece aos pressupostos poéticos e tem referencial, embora em regime atípico. Esta questão está resolvida na comunicação jacobisiana pelos tópicos da seleção e combinação

<sup>12</sup> Norton FRYE., *Anatomy of Criticims*, p. 80. ( ed. Br: Anatomia da crítica .tradução de PERICLES Eugênio da Silva Ramos . São PAULO , Editora Cultrix.1973) Apud. Paul RICOEUR.*A Metáfora Viva*,p.230

Northrop FRYE é mais justo quando diz que a estrutura do poema articula um *mood*, um valor afetivo. Para Ricoeur, no sétimo estudo de *A Metáfora Viva* é bem mais do que isso, é “um modo de enraizamento na realidade, é um índice ontológico”.

<sup>13</sup> Paul HENLE. *Language . Thought AND Culture*, Ann Arbor, University of Michigan Press 1958. Apud Paul RICOEUR.*A Metáfora Viva*, p 188

Paul HENLE começa a reformular a definição de Aristóteles em um sentido (...) que apresenta todos os traços que exigem separá-la da nomeação e vinculá-la à predicação.

Segundo Ricoeur, baseado em HENLE, qualquer valor lexical é sentido léxico e o sentido metafórico é não – lexical e valor criado pelo contexto.

<sup>14</sup> W.K. WIMSAT and M. Beardesley. *The Verbal Icon*, University of Kentucky Press, 1954. Apud Paul RICOEUR. *A Metáfora Viva*, p.320.

tal que provocam a *epoké*, que suspende a referência..Qualquer sentido, então se extingue e surge nova forma de expressão, o ícone, por essa fusão.

A transmissão do poema que brota da suspensão de referência, *Epoké* é moeda de troca, a passagem do mundo filtrado da alma do poeta. Esta é a matéria prima do poema: o ícone. Um objeto duro, de presença diferente da função literal do signo.Pelo que enfatiza Ricoeur, como o mármore, que se tornou linguagem nas linhas concretas da escultura.Eis a linguagem referencial poética, que justifica a densidade pelo contexto duplicado de referencial.

A criação dessa linguagem é a criação efetiva da metáfora viva e passa por dois pontos de elaboração. O primeiro deles é a destruição da língua literal como em: A forte tempestade exterminou as velas do veleiro. *Exterminar* termo de conteúdo semântico ligado à vida é suspenso para adquirir inerência à vela, o navegador do veleiro. Aí, na trajetória de análise, adoção e exclusão que sustenta o método crítico de Ricoeur em *A Metáfora Viva* aparece a noção de *ver como* de Hester<sup>15</sup> embutindo o erro categorial da metáfora nas operações como esta : *sol de pedra*, ( pedra visto como árido , bruto). Esta operação produz a visão estereoscópica<sup>16</sup>, abrangente, mas projetando em um só plano toda a profundidade prospectiva que traz. Isto foi chamado de metaforização do sentido por Ricoeur, pois faz da referência realizada uma metáfora.

Paul Ricoeur, neste ponto vale-se de Goodman,<sup>17</sup> essa é a oportunidade de reconhecer os primeiros contornos do símbolo.

### 2.1- O contorno do símbolo e o artesanato do seu valor – expressão

Paul Ricoeur estuda a função do símbolo, quando intervém no pensamento de Goodman<sup>18</sup>, e a maneira mais fácil de perceber isso é acompanhar o seu raciocínio em torno do termo *etiqueta*. Etiquetar é marcar com um nome, por um rótulo.

---

Esses três traços --- fusão do sentido e do sentidos,densidade da linguagem tomada material,virtualidade da experiência articulada por essa linguagem não referencial ---- podem ser resumidos em uma noção de ícone sensivelmente diferente da de Paul Henle...(..) tal como ícone do culto bizantino , o ícone verbal consiste na fusão do sentido e dos sensível; e é também o objeto duro, semelhante a uma escultura,o que torna a linguagem uma vez mais despojada de sua função de referencia e reduzida ao seu parecer opaco (...)uma experiência que lhe é inteiramente imanente.

<sup>15</sup> M.B.Hester.The Meaning of Poetic Metaphor , La Haye, Mouton, 1967, Apud Paul RICOUER. *A Metáfora Viva*, p 102. E o argumento usado por Ricoeur é matéria provinda de Fontenier , op. cit,p 101, de *A Metáfora Viva*, momento em que ,este critica a excessiva importância dada a visão na questão da metáfora e a fundamenta sua restrição por meio de Wittgenstein e Hester. Por meio destes pressupostos Ricoeur afirma que “Figurar é sempre *ver como*,mas nem sempre *ver e fazer vê*..p.102

<sup>16</sup> Temos retornado a conceitos porque no estudo VI de *A metáfora viva* . ,Ricoeur analisa a semelhança pelos mesmos referencias que analisa a referência no VII.. Entretanto,não podemos perder a oportunidade de ressaltar a metodologia rigorosa que transparece dessa necessidade, uma vez que ele baseia o estudo da referência nos mesmos argumentos em que elaborou a análise da semelhança. Esta estrutura apenas demonstra que dado a tanto conteúdo, houve necessidade de organizar capítulos diferentes para dar conta da pluralidade de aspectos a serem tratados na mesma estrutura.

<sup>17</sup> N. GOODMAN . *Languages of Art,un Approach to a Theory of Symbols: Indianapolis: The bobbs – Merril CO . ,1968, in Paul RICOEU, A metáfora viva,p. 352.*

O que se pode dizer da metáfora então é que partindo de dois nomes (dois símbolos) há uma troca interior dessas etiquetas, envolvendo nova significação. Reforça-se o significado pela exemplificação das experiências de mundo entre elas. Essa percepção vem, evidentemente, por transferência de tópicos de visão de mundo - criam-se predicados não-verbais pela exemplificação de referências invertidas<sup>19</sup> Aqui firma-se o argumento de Ricoeur, intervindo em Goodman na questão da simbolização metafórica : *exemplificar e denotar são casos de produção de referência, embora com uma diferença de direção.*<sup>20</sup>

A inversão de referências entre os termos da metáfora, ( a troca de etiquetas entre *cinza e triste*) cria uma denotação atípica, já que torcida alça vôo, e no espaço da liberdade regozija-se. É diferente da conotação, que perante o sentido próprio revela intensidade de emoção.

A referência invertida produz denotação metafórica, não conotação, pode-se dizer uma forma estável, racional, harmonizada com a postura contemporânea das ciências, da filosofia da linguagem, que reconhece na expressividade do símbolo o potencial, independente da emoção. Diríamos que seria um código para relatos expressivos, e como código, previsto por convencionalidade.

Por meio da informação que nos rendem os signos verbais e também dos não-verbais podemos entender o símbolo, que detém a potencialidade pela metáfora (simbolização por dupla denotação) de mostrar as percepções imediatas do mundo. Aquilo que Ricoeur chama de *esquema* metafórico (o conjunto de *etiquetas* de todas as cores, o conjunto de impressão de todos os sentimentos - como rótulos concretos, seja etiqueta para denotação, seja amostra para exemplificação) explica a relação de semelhança, argumento do autor no sexto capítulo de *A metáfora viva*, cuja teoria de Max Black<sup>21</sup> vem fundamentar.

A questão da verdade metafórica não é inefável em Ricoeur, entretanto a imensidão de *dados*<sup>22</sup> Esse campo de recriação é o lugar de *refazer a realidade*<sup>23</sup> para Ricoeur, é chamado de reino por Goodman. Essas modalidades de linguagem organizadas no campo da referência<sup>24</sup> caracterizam a expressão simbólica em arte, entendida no circuito da posse metafórica. Trata-se da ação das três vertentes principais da implantação referencial no traço instaurador metafórico:

<sup>18</sup> Ibid,p.352-353.Paul RICOEUR , em hermenêutica vale-se da idéia primordial de Goodman , de que existe uma teoria que comprova o retorno da metáfora ,em seu produto final a uma nova denotação . Ricoeur apoia-se nessa premissa para sustentar que “na experiência estética , as emoções funcionam de modo cognitivo”Apud Charles Sanders PIERCE Collected Papers,Cambridge, Havard. Tradução Maria de Lourdes CARDEAL.

<sup>19</sup> Paul RICOEUR . *A metáfora viva* ,p. 358 .

<sup>20</sup> Ibid, p. 358

<sup>21</sup> A obra em que Ricoeur se fundamenta. Max BLACK.. *Models and Metaphors*, Ithaca, Cornell University Press,1962.

<sup>22</sup> A palavra *dado* para Goodman , adotada por Ricoeur toma duas referências distintas. Se for proveniente de signo verbal é tomado como fato e é descrito; entretanto se tiver origem no signo não verbal será entendido como exemplificação . Portanto existe uma especificação teórica para a generalização desse termo. O termo geral facilita a compreensão neste contexto de muitas nomenclaturas . Uma vez .dominada a situação fundamental detalhamos aqui.

<sup>23</sup> Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p. 362.

<sup>24</sup> Op.cit., nota 20

- 1- denotação e exemplificação (etiqueta e amostra)
- 2-descrição e representação (signos verbais e não-verbais)
- 3-posse e expressão (literal e metafórica)

A primeira e segunda vertentes abrangem, por descrição o conteúdo transmitido pelo signo verbal. Ressalte-se que o instrumento da comunicação é o signo verbal e seu efeito é a denotação. Quanto à representação; a exemplificação é a ferramenta, ela usa *sons próximos de imagem produzida em torno de sentimento similar a tal cor, a tal manifestação da natureza*. Usa quadro *cinza*, por quadro triste, como quer Ricoeur, ou coração *de gelo*, por coração insensível.

A terceira vertente a estabelecer a referência na metáfora é a posse. Em *chama sensual*; o predicado passa a ser a posse, já que é o atributo do termo que recebe o predicado. Esse efeito predicativo produz a expressão.

Na trajetória - símbolo, metáfora, referência - precisa haver um desnivelamento. A denotação surge metafórica no poema, entretanto a linguagem científica também apresenta simbolização. Ocorre que sua epistemologia surge pelos modelos e estes obedecem a uma hierarquia.

Novamente Ricoeur utiliza-se do pensamento de Max Black<sup>25</sup>. Para este, existe o modelo *de escala*, pois imitaria o original com diferença de tamanho, por exemplo, à guisa de maquete; os modelos análogos que se expressariam pela estrutura. Os procedimentos para interpretação dessa terceira versão de modelo de Black acontecem unindo os traços pertinentes e transmitidos por descrição verbal, eis a chave: a convenção da linguagem opõe-se à construção do real.

Eis o papel da redescrição metafórica: ela reconta por novas idéias, criadas a partir de aproximações insólitas (*sol de pedra*). Para isso obedece ao mesmo princípio da dedutibilidade. Elas entram no esquema de Jakobson, segundo Ricoeur, ou seja “toda seleção paradigmática torna-se metafórica”<sup>26</sup>

“Não há metáfora no dicionário<sup>27</sup> diz ele, podemos interpretar isso *como se*<sup>28</sup> ele estivesse dizendo que a metáfora dorme no subconsciente do poeta, e é acordada por sua intuição. Esse acordar, para nos mantermos na teoria, sem fugas para o paraíso do imaginário é a *obediência* àquele processo de “dedutibilidade ideal”<sup>29</sup> que aparece “em termos de extensão da linguagem

<sup>25</sup> O detalhamento das escalas aparece em : Paul RICOEUR. *A Metáfora Viva*, p. 371 ,referente à BLACK

<sup>26</sup> Paul RICOEUR *A Metáfora Viva*,p.249. A noção citada foi exaustivamente discutida por nós na explicação do binômio combinação /seleção, referente à Jakobson.

<sup>27</sup> Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*,p. 249

<sup>28</sup> Op cit,

<sup>29</sup> Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*,p. 369

como o fio que tece a metáfora<sup>30</sup>. Este último manancial de idéias faz parte dos estudos de Mary Hesse,<sup>31</sup> a quem Ricoeur acolhe como complementaridade às noções de Black.

Ficou claro que metáfora e modelo nascem da referência e que na metáfora ela é *tecida* pelos processos que vimos até agora, e, ainda que sua extensão é similar à busca humana, a capacidade de fazer projetos. Entretanto, imaginemos; se a ascensão é um projeto via transcendência, a metáfora é meio de atingi-la - na extensão parafrásica, dita por Ricoeur, nos jogos de linguagem ditos por Wittgenstein. Max Black, segundo Ricoeur vê o aspecto comum entre metáfora e modelo, na “transferência analógica de um vocabulário”<sup>32</sup>

A atividade metafórica gera um fio do tecido. Estas tecituras, dispostas em rede atingem uma metáfora maior, por substrato do texto inteiro. Ricoeur empresta de Beardsley,<sup>33</sup> para esse aspecto a expressão “universo metafórico”. Essa variante do isomorfismo do modelo, que seria um artifício único entre uma metáfora profunda ligada a outras, por que ao invés de possuírem significados compatíveis ligar-se-ão à metáfora principal pela torção destes significados. O resultado é um circuito extenso que, nessa dimensão intensifica-se.

Mas, por mais paradoxal que possa parecer, é justamente o modelo que promove uma aproximação com Aristóteles em *Poética*. O *mythos* aristotélico incide na metáfora ativando os traços léxicos, porque envolvendo peripécias ativa o próprio enredo, oportunidade em que torna-se uma descrição da realidade humana. Tal descrição admite a realidade mundana por ficção - situações, personagens, - aí torna-se origem. Nisto reside o outro componente, a *mimesis*.

A conjunção *mythos / mimesis* traduz-se por uma denotação porque informa, e, por sua concepção inventiva constitui-se em uma *referência metafórica*. Este é o leito do poema, por meio do *mood*<sup>34</sup> que nada mais é do que *um estado em* (in loco). Neste ponto, a função mimética desloca este estado de alma para a corrente da comunicação pela mitização<sup>35</sup>. A corrente da comunicação não é, para Ricoeur, nem exterior nem interior. Ontologicamente entendida, é o momento, não o percurso.

A imagem de Mallarmé, *Um coup de dés*<sup>36</sup>, que por um princípio metafísico alude a movimentos dados em momento de equilíbrio: *Um dado lançado descreve um vôo, muda de direção e procura adaptar-se como a madeira de uma embarcação inclina-se de um lado, de outro para manter a navegação*. Assim, a necessidade de expressão humana em seu atributo

<sup>30</sup> Ibid, p. 369

<sup>31</sup> Mary HESSE . *The Explanatory Function of Metaphor* ,in Bar-Hillel ( ed ) *Logic, Methodology and Philosophy of Science*, Amsterdam, North -Holland 1965. , citado em Paul RICOEUR .*A metáfora viva*, p. 366

<sup>32</sup> Paul RICOEUR *A Metáfora Viva*, p. 371.

<sup>33</sup> BEARDSLEY. M.C *Aesthetics*. New York, Harcourt, Brace and World, 1958.

<sup>34</sup> Northop, FRYE

<sup>35</sup> Paul RICOEUR. *A metáfora viva* , p. 374.

<sup>36</sup> Usamos aqui, do poema de Mallarmé apenas as noções oriundas da redação da 1ª estrofe ,tendo desprezado a conformação espacial da tipografia e significação espacial ( icônica )que seria inspiração para os nossos irmãos Campos e para Décio Pignatari ,décadas depois , ainda na primeira metade do Séc.XX .Stéphane MALLARMÉ . *Um coup de dés.*, Mallarmé.net.<http://www.mallarme.net/site.php?n=Mallarme.CoupDeDes>. acesso 07/01/2008

distintivo procura canais, a intenção - ação - efeito do lance do dado, não o percurso descrito simplesmente.

Diante desse paralelismo podemos citar a conceituação metodológica de Paul Ricoeur:

A comparação entre modelo e metáfora indicou-nos, ao menos a direção : como sugere a junção entre a ficção e redescrição, o sentimento poético, também ele, desenvolve uma experiência de realidade em que inventar e descobrir deixam de opor-se e na qual a criar e revelar coincidem.<sup>37</sup>

As definições de denotação e de denotação metafórica já nos mostraram a especificidade de cada tipo de referência - da linguagem científica e da linguagem poética. Nesta última existe a possibilidade de criação de expressões inéditas porque subjaz na operação a função do mito, relacionando cosmos e intuição humana. É o que produz relatos coerentes, admissíveis, cuja explicação envolve a relação ontológica, na qual se harmonizam os caracteres por meio das tradições, estas produzidas pela atividade intelectual. Este é o fundamento da verdade metafórica.

Quando entendemos referência metafórica o fizemos pelo *ver como*. Esta noção, no texto referencial metafórico permite a extensão do *ser-cómo* (tal pessoa é um furacão). Se vemos em *tal pessoa* um furacão, a princípio o vemos *como um furacão*. O predicado surge pelo fato de tal pessoa *ser como* um furacão. Esse *é* (ser) é um termo de equivalência, segundo a Poética de Aristóteles, não se trata de um *é* de determinação.<sup>38</sup> O enfiamento produzido entre os termos da metáfora aponta para o ontológico em uma primeira asserção (aquilo que *não é* aparece visto *como* se fosse, passa então a reconhecer-se tomado *como sendo*, apenas naquela situação). Este *sendo* dispensa a noção presente pela significação lexical do conjunto, exigindo operação intelectual diversa. Se pensarmos que é uma descrição simbólica de um *lampejo* de intuição não fica tão difícil de admitir a coerência na concepção de termos tão díspares.

Assim, tal intuição representada, torna-se a totalidade entre *tal pessoa* e *furacão* - entre homem e mundo. Essa nova modalidade de expressão entre esses dois componentes admite o mito<sup>39</sup>. Agora sentimos que devemos diluir nossa expressão *descrição simbólica de um lampejo de intuição*, o fazemos por meio do pensamento de Bergson<sup>40</sup> que conceitua a postura filosófica ante a vertente mítica da metáfora : a aproximação conflitual entre os elementos ontológicos da metáfora revertendo para a imaginação aquela contraposição de campos semânticos e de espaço como estratégia. Isso está evidente neste ponto da leitura.

<sup>37</sup> Ibid, p. 376

<sup>38</sup> Ibid, p.378

<sup>39</sup> Friedrich SCHELLING, filósofo idealista alemão que viveu em final do Sec. XVIII e primeira metade do Sec. XIX, que, de certa forma superou, ainda que excessivamente ligado a uma teoria romântica o impasse de KANT na lógica transcendental. Quando Kant apresenta a moral como regra e crença. Para Schelling, Deus e natureza dão identidade ao homem e esse transporte pode ter como linguagem a arte. Suas obras *O sistema do idealismo transcendental* (1800); *Sobre a alma do mundo* (1797), *As idades do mundo* (1811) e *Filosofia da Religião* (1804) sugerem desde o fundamento que oferece a Ricoeur, a forte aderência.

<sup>40</sup> Henri BERGSON. *L'effort intellectuel*, in *L'Energie spirituelle* (ver. phil, 1902) e *Introdução à Metafísica* (tradução de Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979, in Paul RICOEUR. *A metáfora viva*, p. 380.

Embora mostremos, no segmento deste estudo que ela explica-se pelo domínio do especulativo, esta impressão isenta da carga teológica, coaduna-se com o perfil romântico de Wheelwright e ainda do próprio Bergson. E é uma filosofia da vida que se sela entre a imagem tempo e contemplação.<sup>41</sup>

Utilizamos para a leitura desta citação dois argumentos. O primeiro, fundamentado na polissemia e seleção destas, pode decidir para o termo *contemplação*, a contemplação platônica, mas não teológica. A segunda fica determinada pelo estudo do termo *ousia*.

Antes, porém, precisamos retornar à epífora, ela toma o lugar de destaque que lhe foi destinado neste item. Ricoeur colhe de Wheelwright<sup>42</sup> a solução. Admitindo o convívio entre ontologia, imaginação e campo semântico, no universo da metáfora, quando este ressalta a epífora por sua sagacidade, por sua decisão, por sua atitude para a formação de imagens. Isto porque ela instiga uma elocução com a diáfora, que fornece condições, como um staff, já que fornecer a base da proposição metafórica é sua função. Podemos dizer que o alcance da expressão dado por essa dupla contraditória, é um festival, no qual vários fenômenos intensos de transcendentalização, aquele que equacionou, enfim sua fluidez *não-capturada*.<sup>43</sup>

Como crítico, neste texto mediador entre visões mais atadas aos modelos e às metáforas, Ricoeur analisa as teorias de Wheelwright; mais metafórica, de Turbayne; mais científica, destaca ainda Berggen, a quem se alia definitivamente *salvando* o sentimento. Eis o motivo de nossa adoção, submissão à complexidade do texto de *A Metáfora Viva*.

Ao final do sétimo estudo Ricoeur expõe a síntese de Turbayne, que é a de aceitar o sentido novo e triunfante da metáfora com reservas, desarmando na metáfora o artifício que a metaforizou, dizendo melhor, usar a declaração triunfante sabendo que é simulação e declarar essa consciência que uniu os dois termos estranhos entre si. Isto é necessário porque a expressão dela é *tomada por*, e nesse tomar por é imprescindível à consciência que o lampejo de percepção vem da hipótese, logo consciência de simulação.

A isto Ricoeur, em adoção a Turbayne considera *repor a máscara*<sup>44</sup>, conscientemente, e ainda admitir a consciência de seleção à máscara mais apropriada. Tal visão afronta a idéia de bound (ligação) de Marcus Hester, pois Turbayne não considera o controle do *como se*. Confrontando o controle da máscara de Turbayne e a tensão diáfora-epífora de Wheelwright, Ricoeur, sustentado agora por Berggren<sup>45</sup> convalida um aspecto não realçado por Wheelwright. Aquela tensão entre termos na linguagem para ele não é compatível com a tensão da verdade.

<sup>41</sup> Paul RICOEUR . *A metáfora viva*, p. 380

<sup>42</sup> WHEELWRIGHT.P. The burning fountain . Ed. revised..Indiana University Press, 1968.,in Paul RICOEUR *A. Metáfora Viva*, p. 381.

<sup>43</sup> Paul RICOEUR . *A Metáfora Viva*, p.381.

<sup>44</sup> Paul RICOEUR, *A Metáfora Viva*, p. 384.

<sup>45</sup> Douglas Berggren . The use and abuse of metaphor, ,in Review of metaphysics, 16(1) : 237-258, December: 1962; II: 430-472, march 1963, in Paul RICOEUR. *A Metáfora Viva*, p. 387.

Não é assim para Ricoeur e Berggren. Para eles, o fazer poético, gênese da metáfora constitui-se a partir da característica humana da sensibilidade. Esse pressuposto é ingrediente da base da verdade metafórica. Ora, isto vem a conceber o lampejo, por nós aludido como chegando em código, amalhado pela realidade textual e a verdade.

A codificação da metáfora e seu circuito expressivo acontece na carga que o verbo recebe do *ser-como*, simultâneo ao estímulo *mesmo* e *outro* na relação intelectual que a dita codificação da metáfora oferece ao leitor, cujo teor provoca o lampejo definitivo, a percepção que motiva o entendimento. Para o contexto que estamos levando por tese, neste trabalho é a epífora nova e final para a interpretação daquela metáfora.

## 2.2 – O lampejo: discurso especulativo na enunciação metafórica

A nova questão a ação do discurso especulativo sobre o evento metafórico. Era até agora, e por isso foi reforçado, um misto de fenômeno e magia, de certa forma inerentes. Um aspecto sombrio a ser elucidado, que acontece em uma referenciação entre o “o é” e “o não é”, dando conta de uma atribuição a uma situação ou coisa no diverso. O método especulativo procura a resposta, evidentemente, mas essa procura é um descaminho.

Existe um desnivelamento entre a questão do dizer e a questão do existir para Aristóteles. Este estabeleceu, para a questão da semântica, denominações particularizantes para os nomes (*onoma*). Precisou particularizar as denominações. Ao *logos* ele chamou de homônimo, porque *logos* é o indiscutível; àquelas que aproximam o nome por identidade de noção veio a chamar de sinônimos. Percebeu que, entre estas duas ocorrências de característica estanque havia uma variação, uma diferença pelo caso (*ptōsis*). Esta asserção é dada a partir da noção de que os nomes são aquilo que poderíamos chamar em nomenclatura contemporânea de família das palavras (*de coragem, homem corajoso*<sup>46</sup>). Os parônimos, uma noção ligada à semântica e não à Filosofia. Eis o desnivelamento entre o dizer e o existir.

Surge aqui uma denominação entre o único em noção, e nome (*logos*) homônimos, e aqueles que têm noções e nomes simultaneamente comuns, (como sol *quente* e sol *abrasivo*), os sinônimos. Por esse entendimento chegamos a um aspecto capital em Aristóteles: a analogia. Para esta exposição Paul Ricoeur adotou o pensamento de Pierre Aubamque<sup>47</sup>, que admite a partir da *ousia*<sup>48</sup> (noção de origem comum para todos os seres). Não há discriminação de

<sup>46</sup> Exemplo de Aristóteles in ( *Categorias* ,la 12-15),in Paul RICOEUR . *A Metáfora Viva*, p399.

<sup>47</sup> Pierre AUBANQUE . *Le Problème de l'être chez Aristote.Essai sur le problematique aristotélicienne*. Paris ,PUF, 1962, ,in Paul RICOEUR .*A metáfora viva*,p.404..

<sup>48</sup> ARISTÓTELES (.f.2 1003 b 6-10) , in Paul RICOEUR .*A Metáfora Viva*,p.403, nota 18

*Algumas coisas ,com efeito são ditas do ser porque são substâncias ,outras porque são determinações da substancia ,ou , ao contrario ,corrupções da substancia ,ou porque são privações ou qualidades da substancia , ou porque são causas eficientes ou geradoras ,seja de uma substancia ,seja do que é dito relativamente a uma substancia, ou, enfim, porque são negações de algumas qualidades de uma substancia ,ou negações da própria substancia. Na*

unidades do ser. O *onthos* na hipótese de ser particular está aberto à investigação. O que vai decorrer disso é uma percepção metafísica, pois para dizer *o que uma coisa é*, é preciso enfocá-la. Se não há uma *unidade* para ser enfocada, a procura de resposta não está no mesmo processo do que a coisa. Dizendo melhor: se o *ser* tem *noção comum* a todos os seres não é possível particularizar um *ser* para exercer ciência sobre ele. A *ousia*, pois, a noção comum aos seres impede o enfoque particular. As investigações de Werner Jaeger<sup>49</sup> e as do próprio Ricoeur a esse respeito, dirigem-se à noção da diferença dos discursos, pois se partirmos, por exemplo do termo *contemplação* por uma interpretação teológica (tentativa de comunicação com o infinito, teremos dois tipos de discurso) - o humano e o divino.

A diferença de discursos se faz por um princípio prosaico. Partindo da idéia universal de que de Deus nada se pode afirmar, mas sim negar, ele é indivisível, uno. Por outro lado o *onthos* é essência e acidente, isto reafirma a diferença de natureza, de intensidade e de extensão do homem e de Deus, da teologia e da ontologia, pois essa noção também é universal. Portanto, postulado que a sabedoria do homem é finita e a de Deus é infinita, existe o simples, enquanto Uno, e o composto enquanto *onthos*. Essa presença humana é a *enteléquia*.

A enteléquia, pois, constitui-se na marca humana de in( compreensão), procura a luz pela analogia, que é obscurecida, mas não totalmente tenebrosa. A analogia, via enteléquia procura aclarar com luz escassa aquilo que escuridão faz em prol da inconsciência. Esse ambiente assim apresenta-se porque às coisas físicas do ser como substância, qualidade, quantidade produzem múltiplas possibilidades de expressão, que sendo inexatas mais dissimulam do que esclarecem. Eis o mundo da linguagem.

Para penetrar na problemática da analogia Ricoeur procurou ligá-la ao atributo da proporção, sob a proteção da matemática. É outra vertente, diversa daquela que o próprio Ricoeur sugerira, a partir da diversidade dos discursos humano e divino, esta versão procura ser mais lógica. Um encadeamento de idéias introduz o estudo: ela acontece *por derivação, poder ser produzida por reflexão, sobre as condições de predicação*<sup>50</sup>. Na tentativa de que proteção científica seja legitimada e então a compreensão intelectual passe a ser uma fonte de credibilidade, porque surgiria exata.

---

mesma nota Ricoeur remete a um comentário de V. Décarie que insiste também *sobre o papel d a noção comum, exercido pela ousia graças a qual cabe a uma única ciência estudar todos os seres enquanto seres.*

<sup>49</sup> Werner Jaeger, alemão natural de Lorrerich, irá viver nos Estados Unidos ,onde se dedicou a compreender a cultura grega. Coube a ele discutir, a partir de 1934 a questão retomada por Aubanque ( op.cit.nota 135 ,in *Metafísica E, 1* ) de que *o reenvio a um primeiro termo , não mais à seqüência das significações do se,r mas à hierarquia dos seres . Não é mais a ousia que é a primeira das categorias, mas a ousia divina ,que é o ser eminente . ( ...). Se existe uma ciência imóvel ,a ciência dessa substância deve ser anterior e deve ser a primeira ;ela é , deste modo ,universal porque primeira ,in Paul RICOEUR . A metáfora viva ,p. 407. De certa forma, já vinhamos , ( conf.p.36) , obviamente conduzida pela leitura, a esbarrar neste pressuposto.*

<sup>50</sup> Paul RICOEUR. *A Metáfora Viva*, p.411.

Enxergamos, nesse transporte, dados palpáveis, aliados à premissa da diversificação epistemológica, cuja noção transportada para a linguagem justifica-se pela classe intermediária entre homônimos e sinônimos, no tratado aristotélico.

Atributos nocionais, sempre pacientes de restrições aparecem como experimentos, nesta nossa interpretação. Por exemplo, as formas geométricas precisam de delimitação de espaço, este espaço delimitado expressa-se por grandezas ( números inteiros) , que permitem uma leitura, a da sua desigualdade. Esse tipo de medida é tomada por alteridade epistemológica, ela contribui quando considera, não o valor numérico, mas a intensidade (adensamento e desadensamento) das figuras no discurso poético. Contemporaneamente dir-se-ia outra linguagem

Enfim, a cadeia analógica estabelecida pela ordem das categorias; (medicinal é relativo a médico, operação, paciente, incisão). O circuito entre termos aqui importa, é a chave desta leitura. Há uma trajetória: em medicinal (termo primeiro) vai acontecer uma desvalia semântica, pois o sentido saindo dele recebe operações de proporção, como relação inevitável no campo metafísico. Quando retorna ao primeiro sentido já sofreu a modificação imposta pela intenção atributiva, ou seja, já foi comparado e relacionado aos outros termos, sendo ainda o primeiro, mas um primeiro-outro.

Isto significa dizer que não e nunca aparecerá, neste circuito um segundo termo puro, pois não é possível, para Aristóteles, para seus estudiosos, exprimir a unidade não-genérica do ser.

O discurso filosófico tem especulado sobre isso. A partir do avanço que é a analogia representou na teoria metafórica. Contudo, precisou reconhecer a diversidade dos discursos e admitir as operações da proporção. Mas a modalidade de pensamento que delas advém não parou aí. Como o status do homem é pensar, o encadeamento dessa atuação humana, o tempo e a espacialização com que os eventos são constatados serão responsáveis por outras bifurcações no campo científico da especulação, por soma, adaptação ou contraposição de concepções. É quando há o avanço para um segundo estágio para a discussão do discurso poético.

### 2.3 – A ontoteologia: uma implicação medieval no uso da metáfora

A meta de Tomás de Aquino era clara. O homem que tem por destino expressar-se por analogia de caráter dúbio e balbuciante, dada a aquiescência da invenção precisava de um canal digno para enunciar os nomes sagrados. O sagrado, expressão da sabedoria infinita, postava-se de um lado por sua inatingibilidade, de outro, pela enteléquia, produzindo inexatidão, por meio da analogia gerava essa instância inatingível.

A cadeia estabelecida pela referência de termo em termo com centramento no primeiro, não solucionava totalmente o problema. Vejamos o que acontecia era um espaço claudicante da comunicação, entre a produção da *atribuição unívoca* (o termo primeiro, no processo da

expressividade) e a atribuição eqüívoca, (não totalmente categórica, por isso balbuciante, já que pouco expressiva).

Essa lacuna de expressão marcou-se como obstáculo, e deste, surgiu a atribuição analógica, como uma espécie de contorno à equivocidade. Nem meio termo, tampouco solução, mas possibilidade de comunicação inaudita, uma vez que acolhe a reação humana.

Esta situação foi chamada, naquelas circunstâncias, de ontoteologia. *Onto* porque abrange o princípio racional aristotélico de suas características às substâncias, e, na dimensão divina, estabelecer, talvez, uma relação imanência –transcendência, em um circuito de transcendentalização entre *onthos* e *téos*. Poderíamos dizer, a acepção de uma linguagem própria entre a sabedoria finita do homem, infiltrando por meios dos canais expressivos na escala da sabedoria infinita.

A ontoteologia, portanto demonstra um novo veio do discurso especulativo participar do discurso poético<sup>51</sup>.

A reelaboração do conceito de analogia reporta-se a uma síntese de entendimento que vem unificar um princípio materialista, (a já explanada ligação dos termos sucessivos ao termo primeiro) de Aristóteles, e um princípio idealista (o da participação<sup>52</sup>), de Platão. Percebe-se, desta forma que a analogia estudada por Aquino une o nível dos nomes ao nível das predicções produzindo o efeito. Não nos pode escapar a expressão metafísica com que Paul Ricoeur fecha a questão:

Participar é, de modo aproximativo, ter parcialmente o que o outro possui ou é em plenitude<sup>53</sup>.  
(grifo nosso)

A prosaíca detalhação metafísica nos indica, na definição de Ricoeur, acima, um reforço à proporcionalidade, presente pelas noções metalingüísticas deixadas pelo derivado de *aproximação* e de *parcial*, que podemos tomar como pura expressão da analogia e da pertença.

Aquino, que adotava fundamentação aristotélica da capacidade de fazer e da consumação do feito pelo homem (*ato e potência*), e, ainda pela primeira parte do que Aristóteles considerava

<sup>51</sup> Paul RICOEUR. A metáfora viva, p. 419, nota 41.

A explanação é referente a Aristóteles e a Metafísica., estendendo-se a Tomas de Aquino em comentários de Paul Ricoeur :

(...) É a unidade da ordem do ser que regula a diversidade unificada dos modos de atribuição : o ser se diz primeiramente (*per prius*) da substância, depois a título de derivado (*per posterius*) dos outros predicamentos. A ligação analógica dos princípios reflete desde então a dos seres. (...) A persistência e a estabilidade da teoria propriamente transcendental proveniente de Aristóteles é atestada pela *Summa teológica Sabemos que sempre, no que se refere aos nomes atribuídos por analogia a seres, é necessário é necessário que esses nomes sejam atribuídos na dependência de um primeiro termo e em relação a ele*

<sup>52</sup> Paul RICOEUR. A Metáfora Viva, p.420, nota 42.

(...) a analogia constitui somente a semântica da participação, a qual, em conjunção com a causalidade, concerne à realidade do ser subjacente aos conceitos pelos quais o ser é representado.

Vê –se, portanto que a participação unindo-se à causa aristotélica desempenha o papel de denominar a coisa representada, ou seja, transformar o ser (o ontológico), em nome, por meio de uma epistemologia idealista.

<sup>53</sup> Paul RICOEUR. A metáfora viva, p. 421.

realidade , que era a *substância*<sup>54</sup> . Ao *acidente*<sup>55</sup> atribuía o carácter de uma circunstancialidade dessa substância. Estas operações vão estabelecer duas outras ordens: a ordem da descendência e a ordem da imitação. Em correlação entre si, embora sem reciprocidade - um recebe do outro *esse et rationem*.<sup>56</sup> O homem, portanto seria a criatura a Sua *imagem e semelhança*, (para permitir um adágio postulado pela Bíblia )

A intenção dessa postulação, entretanto nos desenha em traço forte (embora não inusitado). O homem intelectivo é diferente da Sabedoria Suprema. Essa diferença Aquino estudou pelas noções de *proportio* e *propotionalitas*. A *proportio* é uma relação exata, definida, demarcada a um termo primeiro na ordem categoria da substância, diretamente ligada ao acidente (inequívoca), correlata e paralela à sabedoria infinita de Deus, que exclui a sabedoria do homem, porque a noção é única, sem correlações, uma vez estabelecida é imóvel.

A *proportionalitas* exprime similaridade de relações que podem ser percebidas assim : o conjunto ( 2, 4 ) intercala números impares se considerarmos números de 1 a 8 , na mesma ordem que o conjunto ( 6, 8). Existem paralelos dados pela simetria, pela experimentação, pela observação; trata-se da intelectualidade humana, que provê a sabedoria finita. Ricoeur nos propõe, então, uma expressão impregnada do estilo metafísico, e usa a noção de ciência neste sentido: *a ciência divina é para Deus o que a ciência humana é para o criado*<sup>57</sup>. Diante disso podemos compreender que entre *proportio* e *proportionalitas* existe uma relação que une e separa teologia e ontologia, ciência divina e ciência humana. Une em *proportionalitas* (relação) e separa pelo atributo, garantindo o uno ontológico.

Portanto, ainda não se chegou à praia tranqüila do campo da expressão, pois se a relação finita/infinita pode parecer abrupta por demais para ser realidade, uma trajetória menos densa, ou seja , um trajeto de termo a termo ligados pela semelhança simplesmente, anularia a ênfase da expressão.

A afinidade parcial constatada entre *proportio* e *proportionalitas* (pelo aspecto de que as duas são *ciência*)<sup>58</sup> não explica o circuito participação/causalidade/analogia. Essa dificuldade, entretanto, já nos mostra o habitat da metáfora *a priori*. Existe um espaço ainda sem compreensão entre a expressão finita humana e a infinita, divina. E podemos afirmar pela evolução deste texto: não é possível voltar a mesma situação. O que encontramos agora foi uma

<sup>54</sup> *Substancia e forma = realidade* , já que a forma delimita e apresenta a substância ao mundo da vida. , em asserção materialista do ser.

<sup>55</sup> *Acidente* , em Aristóteles: se consideramos cabelo como *substância*, ser preto ou amarelo são acidentes . Esses termos tanto da nota 142 , como nesta são noções da Metafísica de Aristóteles.

<sup>56</sup> Ser e razão , ou seja fundamento ontológico e fundamento intelectual . Expressão em Latim in : Paul RICOEUR . A metáfora viva,p.421.

<sup>57</sup> Paul RICOEUR . A metáfora viva,p. 423.

<sup>58</sup> A concepção diferente para a palavra.

trilha, no oco de uma pedra, que levará à praia mansa, de beleza impar da expressão metafórica.<sup>59</sup>

Este lugar imaginário, podemos dizer ante a análise de Ricoeur a Aquino, mostra a apreensão do *Ser que reflete* como ato. Existir e evoluir tira do humano a rudimentar forma material para ser concebido como expressão, que o remete ao divino. Esse ato de arremesso como homem relaciona-o com a perfeição divina, marca-o pois, como o capaz de fazer de si uma expressão, embora diferente da perfeita. Eis a analogia. Ela é produto da participação (homem/Deus), a linguagem das linguagens, já que sua essência é *ato*, desempenho impossível a outras realidades, se lembrarmos o princípio aristotélico da realidade.<sup>60</sup>

Seguindo o conceito da analogia, tal como a concebemos agora, ela provém de uma terceira origem, uma adaptação de caminho e de entendimento. Não poderíamos aprimorá-la antes de seu conhecimento bruto. Não se trata da analogia provinda da relação horizontal (homem / furacão: o homem tem a intensidade do furacão.), nem a vertical (o homem religioso eleva-se pela prece). Nessa terceira e alternativa acepção, o cimo da verticalidade (o mais eminente<sup>61</sup>) procura o inferior (menos excelente<sup>62</sup>), alterando, pois, a relação humana/divina (equivocidade /univocidade).

Apenas o processo analógico, saindo do campo do ontológico puro, para uma denominação teológica consegue chamar a univocidade de Deus. Sua denominação pelo homem é uma analogia, Sua designação apreendida pelo homem é um tipo inédito de analogia que vem a postar esse homem como causa eficiente da apreensão desse nome. Sem dúvida é uma terceira relação.

Paul Ricoeur, sintetiza com mestria inconfundível, em palavras simples o que acabamos de entender com tanta dificuldade:

No jogo do Dizer e do Ser, quando o Dizer está a ponto de sucumbir ao silêncio, sob o peso da heterogeneidade do ser e dos seres, o próprio Ser relança o Dizer, em virtude das continuidades subterrâneas que conferem ao Dizer uma extensão analógica de suas significações.<sup>63</sup>

Esta extensão justifica uma trilogia que o discurso especulativo irá administrar. O campo deste é o intermédio entre: o conceito, passível de analogia e o aspecto real do termo, a participação Entre o que transparece por afinidade (como linguagem)<sup>64</sup> e a apreensão da gênese dos símbolos aparece o reflexo do espelho.

---

<sup>59</sup> O limite da expressão é contraposto ao limite e espaço físico. Pedra é obstáculo, haja vista a idéia de tropeço no célebre poema de Carlos Drummond de Andrade.. Neste ponto entra a transcendentalidade da expressão. De um obstáculo ela encontra um caminho camuflado surpreendentemente oposto à natureza compacta da impossibilidade (pedra/expressão), e irrompe em imagem com dois patrocínios: A Psicologia e a proporção

<sup>60</sup> Metafísica de Aristóteles: (substância + forma = realidade).

<sup>61</sup> Paul RICOEUR. A metáfora viva, p.425.

<sup>62</sup> Ibid, p.425.

<sup>63</sup> Paul RICOEUR. A metáfora viva, p. 427.

<sup>64</sup> Ibid, p.427.. *No mesmo lance, analogia e participação são postas em uma relação de espelho, a unidade conceitual e a unidade real respondem-se exatamente.*

Essa projeção é extraída por meio da especulação. É na extração do conceito na diversidade (por apreensão das categorias que surge a codificação semântica - a manufatura da expressão. Isto porque a analogia depende da noção da matéria e esta por ser matéria detém necessariamente corrupção. Ora, a corrupção surge como mistura, que exclui o simples, o puro, logo o Uno, e, além disso, e por isso nega ainda o traço simbólico que descende do gérmen da coisa simbolizada. É a entrada da metáfora.

A *Summa Teológica*<sup>65</sup>, por Aquino atesta uma prioridade de gênese para a atribuição dos nomes. A gênese de tudo é Deus. , mas a necessidade de tradução dessa divindade faz a expressão percorrer outro caminho, o do mais próximo, dada a já dita corrupção da matéria. Daí, o caminho mais curto ser o do referencial da criatura. Aqui Ricoeur reafirma a metáfora na semelhança, *a similitude da proporção*<sup>66</sup>. Sua estrutura é a mesma no discurso poético e no discurso bíblico. Enquanto a analogia visa o arremesso ao unívoco (sabedoria), a metáfora faz a *transposição* de um termo atribuído a uma criatura a outra, e estes todos estão submetidos a Deus. Estamos falando de uma relação metafísica, porque estando as criaturas nomeadas mais próximas de nossa percepção, esta se dá no domínio imanente.

Uma palavra ainda precisa ser dita com respeito da poesia, da linguagem bíblica e da teologia. Poesia e linguagem bíblica partem do nome para a coisa, logo, por afinidade de aspectos formam um bloco comum diferente da linguagem teológica, cujo conceito parte de Deus, no domínio da infinitude, da pré-existência do Uno.

Essas duas distinções compõem a expressão metafórica já que o primeiro bloco de relações, quando a metáfora proporcional descaracteriza o conceito unívoco da ligação com Deus , para aquela dos dois pólos intermediários ontológicos (descendente, à dimensão finita); a segunda , analogia transcendental produz um refinamento nas percepções significativas, em ascensão .

Estes últimos movimentos mostram ponto que já intuíamos acima, mas Ricoeur explana pelo aspecto da predicação. Esta predicação, *atribuída a Deus*<sup>67</sup> é igual a sua essência, Absoluta, e a atribuída aos homens compreende a relação ontológica, parcial, se lembramos a corrupção da matéria.

#### 2.4 – A metáfora homem-mundo (metafísica)

A questão da aquisição metafísica da metáfora tem como base duas concepções filosóficas. O próprio enunciado desta relação desenha a metáfora homem - mundo. A primeira é de Heidegger que afirma a relação metafórica como discurso filosófico, porque pensar para ele é

<sup>65</sup> Tomas de Aquino . *Summa teológica* (Ia.q.13, art.6.).São Paulo: Loyola ,2002.

<sup>66</sup> Paul RICOEUR. A metáfora viva, p.429.

<sup>67</sup> Paul RICOEUR. A metáfora viva, p.431

escutar e ver. Equivale a entender que Heidegger pede para seu leitor esquecer Platão, quando este admite a passagem do sensível para o inteligível.

Isto porque ele propõe uma acepção da metáfora pensada. Entretanto, como não pode fazê-lo sem usar suporte metafísico de natureza platônica, ele está afirmando-a. Esta é a crítica de Paul Ricoeur.

O que, entretanto, ele enfatiza da concepção heideggeriana, nós podemos entender pelo exemplo prático, tomando por uma análise metalingüística a expressão *nada é sem razão*.<sup>68</sup> Contraposta ao verso poético: *a rosa é sem porquê*.<sup>69</sup>

A afirmação de que tudo deve ter razão, em contraste com *rosa* do poema traz a notícia que *não ter* é uma metáfora que não precisa de código representativo porque tal representação se dá no pensamento. Voltamos a dizer que se dá num lampejo interior, e este escaparia à codificação, ou seja, escaparia do controle da instrumentalização por meio da *subjetividade*<sup>70</sup>. Quando, procurando definir seu desempenho como filosofia, nunca como poesia Heidegger carrega no sentido da palavra *remontar de sua origem; e de fazer aparecer o mundo*<sup>71</sup>. Isto, no entanto é reafirmar a metafísica, porque equivale ao valor da metáfora viva, discutida por nós anteriormente.

Esta procura tirar da metáfora aquele envelhecimento causado pelo uso, pelo hábito surgido por uma colisão de sentidos que ficou tão tradicional que deixou de sê-la. A visão é de Jacques Derrida<sup>72</sup>. Esse tradicionalismo nada mais é que a possibilidade de um conceito já fixo, vindo daquela expressão que deveria surgir insólita.

Platão e Hegel, considerados por Derrida, diz Ricoeur, pelo seu aspecto idealista reputam como *renovação*, já que no espírito produzir-se-ia uma acepção nova. Nietzsche considera uma perda do valor simbólico: como a moeda defasada que é vendida a peso pelo valor físico do metal. Estamos, por um viés filosófico, a partir de tal afirmação, concebendo uma metafísica disfarçada diluída entre a supervalorização das operações filosóficas no espírito, de um lado, e o niilismo eloqüente, sua controvérsia, de outro. Uma atitude revestida da sagacidade ricoeuriana sintetizando extremos e opostos. Isso envolve linguagem: *língua material como linguagem filosófica*<sup>73</sup>.

<sup>68</sup> Ibid., p. 437.

<sup>69</sup> Ivone Maria de Campos Teixeira da SILVA. (org.) Ângelo SILESIUS, O Peregrino Querubínico. São Paulo: Loyola, 1996.-, in Paul RICOEUR .A *Metáfora Viva*, p.437.

<sup>70</sup> Paul RICOEUR. A *Metáfora Viva*, p.438.

<sup>71</sup> Ibid, p. 438.

<sup>72</sup> Jacques DERRIDA .*Mythologie blanche* ( la metaphore dans let exte philosophique) ,in Poetique , 5:1-52,1971,in Paul RICOEUR .A *metáfora viva*,p.439, nota 61.

<sup>73</sup> Paul RICOEUR . A *Metáfora Viva*, p. 443.

Daí a produção de imagens de dentro para fora (via linguagem), e de fora para dentro (interpretando a atividade do sol). Sua atividade é a trajetória da metáfora,<sup>74</sup> impressiona, monopoliza o ambiente pela intensidade da luz, e esconde-se para amearhar nova plateia.

É nesta linha de entendimento, de concepção filosófica que devemos entender a implicação da metáfora morta. Devemos seguir este atalho para chegar à metáfora renovada, o princípio mais elementar de lógica nos leva a acreditar que seja uma mediação entre a metáfora viva e a metáfora morta. Se a metáfora viva é, conforme já constatamos um fluxo expressivo triunfante a partir de uma impertinência semântica (dada entre dois termos estranhados), à procura da *aletheia*<sup>75</sup> a metáfora morta é uma metamorfose desse fluxo expressivo ,que , pelo uso já fixou um conceito, tornando-se uma expressão ordinária. Mais elementar ainda é perceber que a metáfora morta reenvia à metáfora viva. Porém aqui precisamos admitir uma fratura de corrente tão lógica.

Trata-se de observar que em uma metáfora morta preexistem os filosofemas. São palavras que detêm em seu núcleo diagramas de significação. Por esse motivo é um conceito particular, vivo, em uma metáfora morta, para definir em um filosofema - um sobrevivente, como uma brasa.

Ora, essa resistência abrigada no filosofema nada mais é que do que um reduto do conceito. Sendo assim, surge o entendimento de que este pode, a partir da transferência cortar o círculo da rotatória metafórica e desembocar na via da compreensão, uma via elevada , de trânsito tão rápido quanto eficiente - porque , está dito é a elevação do ser. Ainda está dito e definitivamente epífora, em toda a sua extensão.

Como uma via elevada liga várias localidades importantes de uma concentração regional, a epífora para Aristóteles enquadra-se pelos conceitos maiores de *physis*, de *logos*, de *onoma*, de *semainein*<sup>76</sup>. Interpretando Derrida , é a eficiência ( base conceitual para o texto) , em conjuntura com a transferência ( metaforicidade ). Esse encontro leva ao recanto fugidio , compatível com o espírito humano e com a metáfora.

O conceito funda e o filosofema é o depósito conceitual dissimulado da significação que integra a corrente da transcendentalidade como elo. A epífora esta contida na versatilidade do elo. Este, enquanto realidade é substância metal, cuja forma<sup>79</sup> permite união de módulos iguais em algum aspecto. A epífora inicial de uma metáfora é isolada, consiste na projeção dos termos em metaforização, elo elide provisoriamente os dois termos.

Este elo está aberto para receber o próximo, que se fechará quando o texto fecha . Neste contexto, os elos que formam a corrente significativa contribuem para a instauração triunfal da epífora maior, o significado leve e profundo, objeto daquele instrumento de enunciação. Leve

<sup>74</sup> Ibid,p.445.

<sup>75</sup> Segundo Heidegger, in Paul RICOEUR. A metáfora viva, p. 449.

O termo grego *aletheia* expressa um estado de completa alegria por um entendimento completo, poderíamos dizer, um estado de efusão provocado pelo real.

<sup>76</sup> Paul RICOEUR.A Metáfora Viva,p.451. Trata-se de conceituação clássica referindo-se à natureza, entendimento , nomenclatura e significação, respectivamente.

porque é símbolo de transcendência, que quanto maior mais se volatiliza, profundo porque emana da relação imanente, em uma palavra: epífora.

### **BIBLIOGRAFIA**

RICOUER. Paul. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Loyola, 2000.